

“Alguns deuses têm a *métis*, outros não”: as astúcias da inteligência na Grécia antiga

*Cleber Vinicius do Amaral Felipe*¹

DÉTIENNE, Marcel. VERNANT, Jean-Pierre. *Métis – As astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

O leitor que busca um assento privilegiado, do qual possa observar as tramas mitológicas com uma lente de aumento, deve recorrer à obra “*Métis – As astúcias da inteligência*”. A disposição do livro, que conta com as pinceladas do francês Jean-Pierre Vernant e do belga Marcel Détiénne, assinala um verdadeiro *tour* pelo universo cultural grego, “desde as suas mais antigas tradições técnicas até a organização de seu panteão” (p. 10). Este movimento se ancora metodologicamente em uma “psicologia histórica”, através da qual se pretende mapear modos de organização e de ação próprios da cultura grega, atentando-nos para uma estrutura de pensamento delimitada tempo e espacialmente. Os dois historiadores e especialistas em Grécia antiga não deixam de advertir sobre a impossibilidade de cobrir “todo o campo da *métis*” (p. 09), ou seja, não apenas tratam das astúcias da inteligência, como também são astutos em perceber a pluralidade do agir grego, que é imperscrutável em sua totalidade.

A argumentação de Vernant e Détiénne não pretendeu esgotar ou cercar as interpretações que se possa fazer do aparato mitológico mobilizado. Antes, eles ensaiaram leituras verossímeis que permitem viabilizar a interlocução entre diferentes planos da mitologia, alicerçados pelo conceito de *métis*. Eles cobriram este trajeto por diferentes vias: perscrutam a *métis* órfica, “os saberes da Atena e de Hefesto, de Hermes ou de Afrodite, de Zeus e de Prometeu, uma armadilha para a caça, uma rede de pesca, a arte do cesteiro, do tecelão, do carpinteiro” (p. 10), operando em diferentes

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

níveis da arquitetura do cosmos grego.

O que seria, portanto, esta *métis*? O conceito é amplo e o livro é esclarecedor na medida em que avança em suas considerações. Ela pode ser definida como “uma potência de astúcia e engano” (p. 29), que concede ao seu detentor a possibilidade de vencer sem o uso da força, pois ele consegue mobilizar a astúcia (*dólos*), aproveitar das vantagens (*kérde*) e apreender as ocasiões particulares e dominá-las (*kairós*). Esta tríade equilibra as ações do portador da *métis*, e os efeitos de tal equilíbrio são ambíguos: “ora se verá aí o produto de uma fraude, a regra do jogo não tendo sido respeitada. Ora ele provocará tanto mais admiração quanto terá surpreendido mais” (p. 19). Na introdução do livro, Vernant e Détienne adiantam a complexidade da *métis*, quando afirmam que ela é:

uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso (p. 11).

Dentre os seres que se nutrem de néctar e ambrosia, o titã Prometeu é um dos que detêm a potência da astúcia. Conforme Vernant, ele caracteriza-se

“pela extrema astúcia criativa, a mesma *métis* que assegura ao rei dos deuses sua supremacia”². Na tragédia *Prometeu Agrilhoado*, de Êsquilo, o titã foi acorrentado no cume de um rochedo por ordem do deus patrono Zeus. Consta em uma das versões mitológicas que, para ajudar o seu irmão Epimeteu, o sem-acertos, Prometeu subiu ao monte Olimpo e furtou uma centelha do fogo na carruagem do sol, cedendo-a aos homens. Zeus, em resposta a esta traição, puniu os titãs enviando a primeira mulher, Pandora, responsável pela libertação dos grandes males – físicos e espirituais – que assombrariam a humanidade³.

Zeus e Prometeu “brincam” de astúcia de forma fraudulenta, truncada e enganosa. Na *Teogonia* de Hesíodo, quando o titã foi encarregado de distinguir homens e deuses, ele armou uma emboscada contra Zeus: dividiu um grande boi em duas partes. “A primeira dissimula, sob a aparência mais apetitosa, os ossos da besta inteiramente desnudados; a segunda esconde, sob a pele e o estômago, partes que não se comem, todos os bons pedaços” (p. 116). O titã concedeu a Zeus a escolha inicial e este, antevendo a astúcia do titã, optou pela ossada revestida pela banha vistosa e, assim, definiu o destino de deuses e homens: aos primeiros, imortalizados devido à ausência da carne, seriam rendidos sacrifícios

² VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. 2. ed. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2002, p. 264.

³ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* (primeira parte). 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996, pp. 25-29.

constantes viabilizados pelos humanos, a quem seriam concedidas a fragilidade da carne, o envelhecimento, a morte. Como mencionou Hesíodo, “não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu escapou-lhe à pesada cólera”⁴.

O deus dos deuses e o titã são retratados como astutos e precavidos, pois ambos detinham a *métis*: mas o deus olímpico era aquele que, na hierarquia das divindades, ocupava o topo e, além disso, ao devorar sua primeira esposa Métis, acabou concentrando em si a plenitude da astúcia. Prometeu, por outro lado, tentou privilegiar o homem e, para isso, traiu os seus iguais, desrespeitando ao então soberano dentre as deidades. Se, por um lado, o filho de Jápeto foi astuto a ponto de armar uma emboscada contra Zeus e legar o fogo à humanidade, por outro ele foi imprudente por não prever a possível (e provável) reação de Zeus. Ele próprio o admite, na tragédia de Ésquilo: “voluntariamente, sim, voluntariamente fui imprudente, não o nego. Por ter favorecido os mortais onei-me com estes sofrimentos”⁵. Vernant e Détéienne advertem:

já não há *métis* possível fora de Zeus e contra ele. Nenhuma astúcia se trama no universo sem antes passar por seu espírito. A duração pela qual se desdobra a força do deus soberano já não comporta probabilidade. Nada que possa

surpreendê-lo, enganar sua vigilância, contrariar seus desígnios. Alertado pela *métis*, que lhe é interior, de tudo que se prepara para ele de bom e de mau, Zeus já não conhece, entre o projeto e a realização, esta distância por onde surgem, na vida dos outros deuses e das criaturas mortais, as armadilhas do imprevisto (p. 20).

Em momento posterior, o livro menciona outro deus olímpico detentor da *métis*: “pernas tortas, andar oblíquo, direção dupla e divergente, todos estes traços (...) evocam de forma insistente o mais famoso dos ferreiros, Hefesto” (p. 241). Trata-se do deus cuja *métis* “se define em relação ao fogo”, e não à agilidade (p. 249). Na *Odisséia*, de Homero, Demódoco cantou para Ulisses os amores perversos entre Ares, o deus da guerra, e Afrodite, a deusa do amor e esposa de Hefesto. Este último, alertado sobre a traição pelo deus Sol, produziu uma cadeia inquebrantável e armou-a diante do seu leito, para aprisionar os amantes imortais. Ares, o “bruto sem sombra de *métis*” (p. 253), e Afrodite, “potência de astúcia e de engano” (p. 253), foram capturados pela armadilha do ardiloso ferreiro. Em consequência, Afrodite foi exposta como adúltera frente a todos os deuses olímpicos⁶.

Outro episódio parece ainda mais esclarecedor: o astuto Ulisses, no canto IX da *Odisséia*, ao desembarcar na Sicília oriental junto a doze de seus companhei-

⁴ HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 139.

⁵ ÉSQUILO. “Prometeu Agrilhoado”. Tradução de Vira1975, p. 116.

⁶ Ver: HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s/d], canto VIII, 266-366, pp. 139-142.

ros, se deparou com um ciclope de nome Polifemo, ser de aparência monstruosa e devorador de carne humana. Os gregos foram aprisionados. Sabendo da superioridade do oponente, em termos de força, o herói homérico estabeleceu um diálogo amistoso para ludibriar o gigante. Ofereceu-lhe vinho e, quando o ciclope se embriagou, Ulisses e seus homens atacaram-no e perfuraram o seu olho. Antes do ataque, porém, já com o plano arquitetado, o herói se apresentou a Polifemo com o nome “Ninguém”, antevendo uma situação de perigo. Quando o ciclope, ferido, urrou de dor e pediu ajuda, os seus pares correram para acudi-lo, e ele logo delatou o seu agressor: “foi Ninguém”, ele acusou. Devido à confusão originada, os ciclopes perderam o interesse no “louco” companheiro e retornaram às suas moradas. Ulisses continuou ileso, graças ao seu ardil e precaução.

Através de episódios como estes, os autores Vernant e Détienne exemplificaram e explicitaram o conceito de *métis*, sem correr o risco de precisar em demasia as suas arestas. Esta “prudência avisada” prescrevia para os seus detentores o caminho acertado do agir. A ação, contudo, encontrava-se alicerçada nas limitações da hierarquia, isto é, deuses e homens detinham a *métis*, mas seus domínios não se confundiam – apesar de habitarem um mesmo plano: o da *physis*, da natureza. A ordenação do cosmos dependia desta fronteira que distinguia e separava homens e deuses: a tentativa de subjugar-la fomentou as grandes tragédias gregas. A *métis* é um trilho de

acesso prudente que coliga o agir e o sucesso. Um pequeno desvio nesta trajetória pode levar o transeunte a transpor as limitações do permitido e do aceitável, excedendo-se imprudentemente a ponto de incorrer em *hýbris*, o descomedimento passível de punição.

A transposição da fronteira invisível que permite acesso à desmedida poderia ser evitada se a ação prudente fosse ordenada e ordenadora das hierarquias. As resoluções da *métis* deveriam ser tomadas em harmonia com o cosmos grego, respeitando a três setores mais gerais, unidos em um só plano: os deuses, a natureza e a humanidade. O detentor da *métis* deveria (re)conhecer seus próprios limites e, por isso, conseguiria evitar as garras punitivas da tragédia. Ele trilha o limite, ou seja, supera os seus pares sem subjugar as permissões éticas e os alvarás da *hybris*. Assim, ele demarca o perímetro da ordem e delimita a fronteira maleável entre o permitido e o censurável.

A psicologia histórica permite aos autores identificar modos de pensar que divisavam a superação, o saber lidar com as circunstâncias mais diversas. Constrói-se, a um só tempo, a subjetividade do homem grego e o lugar da ação prática e equilibrada (afinada, portanto, à *sophrosyne*, à justa medida). A *métis* de Prometeu, conduzida de forma imprudente, rendeu-lhe um árduo e eterno castigo. A paixão páfida que uniu Ares e Afrodite legou-lhes a vergonha pública frente às deidades do Olimpo. A punição, em resposta à ação sediada na *hybris*,

tende a ordenar os valores hierárquicos que beiravam à desordem. Por outro lado, foi a sabedoria prudente e legítima que permitiu a Hefesto, o “coxo”, subjugar um ser que lhe excedia em força e destreza: o deus Ares. A mesma sabedoria levou Zeus a garantir a imortalidade de seus pares e a aprisionar aquele que tentou desarmonizar a ordem natural das hierarquias. Nesta direção, Vernant e Détienne permitem ao estudioso avistar uma leitura diferenciada da mitologia grega, guiada pelo teor instrutivo das resoluções mitológicas e pela “astúcia prudente”, através da qual o grego voltava-se para o exterior, para o diverso, e se reconhecia a partir dele. A chave de acesso à *métis* é a possibilidade de identificar no “outro” as vias de acesso à própria superação.

Referências bibliográficas

DÉTIENNE, Marcel. VERNANT, Jean-Pierre. *Métis – As astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

ÉSQUILO. “Prometeu Agrilhado”. Tradução de Virgílio Martinho. In: *Teatro completo*. Lisboa: Estampa, 1975, pp. 105-137.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* (primeira parte). 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s/d]. 398 p.

VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. 2. ed. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2002.

Submetido em: 2 de Julho de 2010
Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

